

Jason Statham
quebra tudo em
'Resgate Improvável'



PÁGINA 3

Parlapatões
invertem a lógica
de Hamlet



PÁGINA 4

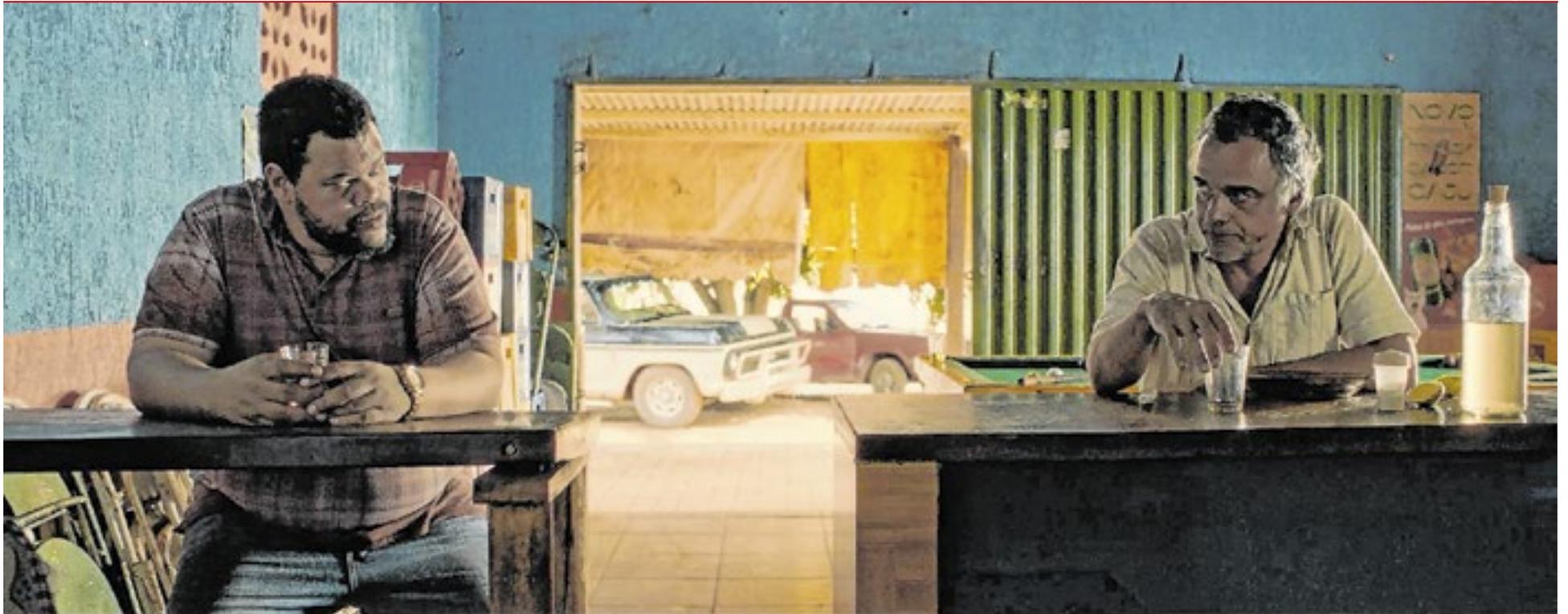
Mel Lisboa canta
sucessos de Rita
Lee no Blue Note



PÁGINA 6

2º CADERNO

Divulgação



'Oeste Outra Vez' espatifa o ethos da hombridade ao narrar a rixa entre Totó (Ângelo Antônio) e Durval (Babu Santana) por um mesmo amor

Ocupar é vencer

Luta do cinema brasileiro para expandir seus domínios num circuito sitiado por Hollywood ganha reforços esta semana com a estreia prevista de sete títulos

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Ganhador do troféu Kikito de Melhor Filme em Gramado, em agosto passado, "Oeste Outra Vez" pede passagem pelas salas de exibição a partir desta quinta-feira, usando seu aroma de pólvora para atrair olhares para um estudo sobre violência. Um estudo pilotado pelo diretor Erico Rassi que espatifa o ethos da hombridade sem pena, ao narrar a rixa entre Totó (Ângelo Antônio) e Durval (Babu Santana) por um mesmo amor. No

mesmo dia, quem pede passagem é o vencedor do Festival do Rio 2023, "A Batalha da Rua Maria Antônia", um épico que garantiu à diretora Vera Egito prestígio e elogios em mostras no exterior.

Se o poprtal Ingresso.Com (site infalível na aquisição de tíquetes) cumprir suas previsões – e quase sempre cumpre -, mais cinco títulos nacionais vão se juntar a essas duas produções laureadas, ampliando a ocupação brasileira no circuito antes da invasão dos blockbusters hollywoodianos do verão americano. Há chances de, na virada da maré, ao fim desta ter-

ça-feira (quando exibidoras/es batem o martelo sobre os horários das sessões) algum dos filmes listados pelo Correio da Manhã nesta reportagem caia. Até o momento, contudo, temos uma oferta invejável para ampliar a cota de tela do nosso cinema, que ganhou o Oscar em pleno domingo de carnaval com "Ainda Estou Aqui" (em via de somar 6 milhões de pagantes) e faturou bonito com "O Auto da Compadecida 2" e "Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa". A diversidade do que vem pela frente promete manter os números em alta. **Continua na página seguinte**

Rafael Barion/Divulgação



Vencedor do Festival do Rio em 2023, 'A Batalha da Rua Maria Antônia' garantiu à diretora Vera Egito prestígio e elogios em mostras no exterior

Mariana Vianna/Divulgação



A luta contra um tumor maligno demarca a potência da atriz Suzana Pires, com direito a uma atuação luminosa de Marieta Severo em 'Câncer com Ascendente em Virgem'

Safra de drama familiar, thriller político e animação futurista e...



Divulgação

Na seara da invenção, 'Mario De Andrade, O Turista Aprendiz', de Murilo Salles, garante um meio de escarafunchar legados da Semana de Arte Moderna de 1922



Divulgação

A animação 'Mundo Perdido', de Camila Carrossine e Alê Camargo, é uma sci-fi com tintas de 'Star Wars', mas de CEP paulista

Muita gente deve entupir os multiplexes que hão de exibir "Câncer Com Ascendente Em Virgem", de Rosane Svartman, a partir desta quinta-feira (27). Uma espécie de "Rocky Balboa" da luta contra um tumor maligno, demarcando a potência da atriz Suzana Pires, com direito

a uma atuação luminosa de Marieta Severo. A atual experiência cinematográfica da realizadora de "Como Ser Solteiro" (1998) é baseada na peleja inspiradora da produtora do longa-metragem, Clélia Bessa, para derrotar uma ameaça à sua saúde, hoje curada.

Durante o tratamento que a curou de um câncer de mama em 2008, Clélia lançou um blog que

se notabilizou por seu tom de desabafo. Chamava-se "Estou com Câncer, e Daí?". A partir dele, Rosane estruturou a narrativa, tendo Suzana (impecável) no papel central.

Na seara da invenção, "Mario De Andrade, O Turista Aprendiz", de Murilo Salles, garante a esta semana um meio de escarafunchar legados da Semana de

Wars", mas de CEP paulista, vai agitar a massa crítica de brasilidades nas telas: "Mundo Proibido", de Camila Carrossine e Alê Camargo. No longa, o viajante aventureiro Fujiwara Manchester e sua namorada, Lydia, partem para uma jornada intergaláctica em busca de um tesouro perdido que pode deixá-los ricos.

São Paulo também bate ponto nessa leva com "Estranhas Cotoveladas", de Reinaldo Volpato. Em seu enredo, a médica Ella Trieste se coloca no centro de um triângulo amoroso: quer dispensar Pedro Álvares, jovem usineiro de cana-de-açúcar, para ficar com Tiê Paixão, agrônomo que está implantando em seu sítio uma espécie de agricultura familiar e orgânica. Entre a lua nova e a lua cheia, sob o olhar da Torre de Pedra, o filme revela as complexas vicissitudes de uma juventude em ebulição.

Nos gramados do documentário, "Diária da Feira", de Silvia Fraiha, vai ampliar o colorido antropológico de nossas telonas ao analisar o dia a dia de quem enche a nossa mesa de frutas e legumes. É uma análise socioeconômica da atividade de feirantes.

Vai ter ainda uma reestrea nesse bonde do Ocupa, Brasil: a chegada em cópia restaurada de "Onda Nova" (1983), de Ícaro Martins e José Antonio Garcia, que brilhou no Festival de Locarno de 2024, na Suíça.

Arte Moderna de 1922. O realizador de "Nunca Fomos Tão Felizes" (1984) passeia pelas anotações do inquieto bardo modernista com base em sua visita ao rio Amazonas, em 1927, anterior à criação de "Macunaíma". Um ensaio visual sai desse confronto da imagem com a prosa, num processo de edição sofisticado.

Uma sci-fi com tintas de "Star

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vin Diesel queimou todo o combustível que tinha para virar o astro rei do cinema de ação, assim como Dwayne “The Rock” Johnson, que incapaz de conquistar essa tal coroa, cedeu os músculos (e o carisma) ao drama, no projeto “The Smashing Machine”, de Benny Safdie, já de olho no Oscar 2026. Quem hoje ocupa um trono outrora disputado por Arnold Schwarzenegger e Jean-Claude Van Damme – e não arreda pé dele – é o inglês Jason Statham, que, ano após ano, vê suas bilheteiras crescerem num filão depauperado pela correção política. Monarca do “Domingo Maior” da TV Globo, herdeiro (sem laços sanguíneos) de Stallone no comando da franquia “Os Mercenários” e fetiche do diretor Guy Ritchie, o ator britânico de 57 anos virou o ferrabrás mais bem-sucedido dos thrillers de pancadaria.

Nesta quinta, seu reinado há de ser renovado com a estreia de uma produção da Amazon MGM Studios chamada “Resgate Implacável” (“A Working Man”), dirigido por David Ayer (de “Esquadrão Suicida”), que faz dele seu novo muso. Os dois asseguraram bons augúrios para redes exibidoras de todo o planeta no alvorecer de 2024 com “Beekeeper: Rede de Vingança”, que custou US\$ 40 milhões e faturou US\$ 162 milhões. Ou seja, Statham é lucro na veia.

“Existem muitos cineastas com verve autoral com quem eu gostaria de trabalhar, mas, por vezes, na indústria, somos vistos a partir de certos prismas, ainda que, no prisma que estou, eu tente humanizar os personagens, explorando a solidão que existe neles”, disse Statham ao Correio da Manhã, quando lotava os cofres hollywoodianos de dólares com “Infiltrado” (“Wrath of Man”), que arrebatou as telas em meio à pandemia e pode ser visto hoje na plataforma Prime Video.

Dublado no Brasil por um gênio da voz (o paulista Armando Tiraboschi), Statham protagoniza “Resgate Implacável” a partir de um



A vida pacata de operário de Levon (Jason Statham) encobre um segredo violento em ‘Resgate Implacável’

O rei da pancada

Jason Statham volta às telas com ‘Resgate Implacável’ renovando seu reinado no cinema de ação, em roteiro escrito por Sylvester Stallone com base em romance de mito das HQs

romance escrito por Chuck Dixon (um midas das HQs por trás de quadrinhos best-sellers do Batman e do Justiceiro), focado no ex-agente Levon Cade. O roteiro do filme traz assinatura de Stallone.

Há 12 anos, o eterno Rocky escreveu “Linha de Frente” (“Homefront”, 2013) para Statham, de quem é amigo. Essa amizade se reforça profissionalmente, depois do fim de “Os Mercenários”, em 2023. Na trama que entra em circuito neste fim de semana, Levon deixou para trás uma condecorada carreira militar em operações secretas para ter uma vida simples trabalhando

com construção civil. Tudo funciona bem em sua rotina até que a filha de seu chefe, a quem considera sua própria família, é levada por traficantes. A busca de Cade para trazer a menina para casa descortina um mundo de corrupção maior do que ele jamais poderia ter imaginado.

“Venho de muitos filmes que têm uma dimensão cômica ácida, de muitos excessos formais, explícitos na ação”, disse Statham na estreia de “Esquema de Risco - Operação Fortune”, há cerca de dois anos.

Foi na França, em 2002, sob os auspícios do realizador Luc Besson que esse ex-modelo e atleta reinven-

tou uma carreira que havia começado em 1998, com “Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes”, assumindo a persona do herói bom de luta e rápido no volante. Frank, seu personagem em “Carga Explosiva” (2002-2008) faturou milhões, abriu espaço para que ele tivesse lugar na franquia “Velozes e Furiosos” e ainda assegurou sua (oni) presença em thrillers B. Ele nunca deixa passar a chance de trabalhar com o realizador que o revelou, o já citado Guy Ritchie, com quem fez “Snatch – Porcos e Diamantes” (2001) e “Revólver” (2005).

“Guy é um cineasta colabora-

tivo, que sabe trocar com a gente em cena. Silêncio é parte de um método físico dele, com quem eu demorei a trabalhar após de um início de carreira onde fui seu colaborador muitas vezes. Gosto de notar o quanto ele explora a ideia de ‘sujeito comum’ que temos e expande essa noção do quer seria a normalidade para o perigo”, explica Statham, que ganhou as bênçãos de Hollywood ao protagonizar o ímã de milhões “Megatubarão”, que faturou meio bilhão de dólares em 2018, seguido por uma continuação, de 2023, que somou US\$ 397 milhões de receita.

Estima-se que a renda total dos longas protagonizados por ele beire US\$ 2 bilhões.

“Há um código de honra que cerca alguns heróis. Esse padrão significa agir dentro de um protocolo de valores relacionado ao que parecer ser o certo, o correto. Mas não é todo o personagem que tem esse luxo, principalmente figuras associadas ao submundo, como é o caso de muitos dos papéis que me oferecem”, disse Statham, ao Correio em 2021.

Em 2026, ele será visto em “Rebelião”, de Jean-François Richet, e em “Velozes & Furiosos 10 – Parte 2”, de Louis Leterrier.

‘A Cabeça de Yorick’ reúne três velhos palhaços e sua visão sobre a morte pelo olhar cômico e crítico, marca do grupo paulistano Parlapatões.

Por **Affonso Nunes**

Palhaços e bufões povoam a escrita cômica de William Shakespeare. E até em sua tragédia mais emblemática de Shakespeare, “Hamlet”, a cena dos caveiros introduz um raro momento de comicità. Ali, o príncipe dinamarquês manuseia caveiras até reconhecer a de Yorick, antigo bobo da corte que marcou sua infância. A imagem de Hamlet erguendo a caveira tornou-se o símbolo da peça, ilustrando como a comédia também se infiltra no drama.

No espetáculo “A Cabeça de Yorick”, Hugo Possolo assina texto e direção em uma proposta que inverte essa dinâmica. Três palhaços idosos exploram a morte sob o prisma do humor, lançando um olhar satírico e provocativo sobre a finitude. Ou seja, uma gota de drama adentra na comédia.

A montagem reúne os Parlapatões Hugo Possolo e Raul Barretto ao artista Nando Bolognesi, integrante da Cia. do Quintal. Cadeirante e portador de ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica), Nando mergulha na temática da morte com a liberdade da palhaçaria, misturando esquetes, interação com o público e improviso.

A peça se estrutura em cenas independentes, conectadas por um fio sutil, onde os personagens enfrentam diferentes perspectivas



Hugo Possolo assina texto, direção e atua em ‘A Cabeça de Yorick que estreia quinta no Sesc Copacabana

Rir ou não rir, eis a questão?

da mortalidade. Entre os quadros, destacam-se uma palestra motivacional sobre a vida eterna e uma sequência que compila formas inusitadas de suicídio. A abordagem evita a tragédia convencional, propondo saídas que flertam com a esperança.

Paralelamente, o espetáculo resgata um episódio dos bastidores da primeira encenação de “Hamlet”. Nele, o comediante Kemp, insatisfeito com sua participação reduzida, abandona a companhia e arquiteta uma vingança contra Shakespeare.

Os três palhaços também refletem, com ironia e deboche, sobre o papel do homem contemporâneo.

Entre contradições e exageros, discutem o conceito do “super-homem sensível e desconstruído”.

Brincando com os dilemas da existência, “A Cabeça de Yorick” convida o público a revisitar suas escolhas e a encarar os desafios cotidianos sem perder de vista a potência transformadora do riso.

Hugo Possolo, além de dirigir a ópera “Don Giovanni”, que estreia em maio no Theatro Municipal de São Paulo, já planeja as comemorações dos 35 anos dos Parlapatões em 2026. A programação inclui uma exposição retrospectiva, o lançamento de um livro de 500 páginas pela Edições Sesc e a participação no Festival de

Edimburgo, onde apresentarão o premiado “Os Mequetrefe”.

A temporada carioca de “A Cabeça de Yorick” contará com sessões acessíveis: apresentações com intérpretes de Libras nos dias 28, 3, 10 e 17 de abril, além de sessões com audiodescrição em neste domingo (30) e em 13 de abril.

Os Parlapatões também promovem a oficina gratuita “Comicità Contemporânea”, ministrada por Hugo Possolo, no Sesc Copacabana. A atividade acontece no dia 5 de abril, sábado, das 15h às 17h, com capacidade para 40 participantes a partir de 16 anos. As inscrições serão realizadas no próprio dia, entre 13h e

14h, no Sesc Copacabana.

Criado em São Paulo, o grupo constrói sua trajetória há 34 anos, dedicados à comédia com influências do circo e do teatro de rua. Seus espetáculos percorreram festivais renomados no Brasil e no exterior, com destaque para montagens como “PPP @WllmShkspr”, “Sardanapalo” e “U Fabuliô”.

SERVIÇO

A CABEÇA DE YORICK
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
De 27/3 a 20/4, de quinta a domingo (20h30)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associados Sesc)

A força do teatro brasileiro

Festival de Curitiba terá peça itinerante com Paulo Betti e contos de Dalton Trevisan

Por Alessandra Monterastelli
(Folhapress)

Artistas embarcam em um ônibus já muito rodado por quilômetros pelo Brasil afóra para fazer apresentações em cidadezinhas interioranas. A maioria do público que os prestigia em praças e ruas nunca foi ao teatro, mas os atores itinerantes têm rostos conhecidos graças à televisão, caso de Paulo Betti, Julia Lemmertz, Deborah Evelyn e Cláudia Abreu.

A peça “Os Mambembes”, uma adaptação do livro de Artur de Azevedo, é metalinguística. Os atores têm viajado pelo interior do país para encenar a história de uma trupe que tenta sobreviver de teatro nas estradas. O espetáculo foi apresentado pela primeira vez em um palco na abertura do Festival de Curitiba, o maior evento de teatro do país, nesta segunda-feira (24), antes de sua estreia no Rio no dia 15 de maio.

Os perrengues que fazem do enredo uma comédia foram reais também fora do palco. “O ônibus quebrou, fomos vetados em uma cidade em que o prefeito era de direita, em outra o padre não queria que nos apresentássemos na frente da igreja”, conta Emílio de Mello, diretor do espetáculo.

Mas por onde passaram foram prestigiados por um público muito superior ao esperado - de 2 mil a 3 mil pessoas assistiram a cada apresentação, segundo Mello. Muitas relataram que, de fato, nunca tinham ido ao teatro. “As pessoas se interessaram muito. Foi a prova de que não importa se o costume de ir ao teatro existe, ou se há espaço físico que facilite a concentração”, diz ele. “Estouramos a bolha teatral e fomos para o Brasil.”

“É uma homenagem ao teatro, ao se representar”, diz Fabiula Passi-



Reprodução Instagram

O elenco de ‘O Mambembe’ em sua passagem por Marabá (PA). O espetáculo reúne grandes do teatro e da TV como Cláudia Abreu, Deborah Evelyn, Julia Lemmertz, Leandro Santanna, Orã Figueiredo e Paulo Betti

Divulgação



Gregório Duvivier brilha em ‘O Céu da Língua’

ni, diretora do festival, sobre a escolha de dar a largada à programação com “Os Mambembes”. Outras peças com atores globais, que já ficaram em cartaz em São Paulo e Rio de Janeiro, também passam pelo evento.

É o caso de “Ao Vivo”, com Renata Sorrah, “Aveso do Aveso”, protagonizado por Marcelo Serrado, “Brilho Eterno”, com Reynaldo Gianecchini, “O Céu da Língua”, com Gregório Duvivier, e “Prima Facie”, com Débora Falabella, que venceu o prêmio Shell de melhor atriz por escolha do júri paulista.

No sábado (29), haverá um tributo a Ney Latorraca, morto em

dezembro, com a presença do viúvo Edi Botelho e uma exposição de fotografias.

Passini destaca a variedade do festival, que traz também peças feitas fora do eixo Rio-São Paulo. É o caso de “Laborioso Contato”, encenada pela trupe Motim, do interior do Ceará, e “A Velocidade da Luz”, do argentino Marco Canali, que convocou 35 atores e não atores curitibanos para montar um espetáculo baseado em suas próprias vidas.

Há ainda produções da capital paranaense, que têm no festival uma importante janela de divulgação para o resto do país. É o caso de



Guga Melgar/Divulgação

‘Aveso do Aveso’, com Marcelo Serrado e Heloísa Perissé

Divulgação



Renata Sorrah em cena de ‘Ao Vivo’

“Cabaré Haikai”, uma encenação da obra de Paulo Leminski, e “Daqui Ninguém Sai”, do Teatro Guaíra, o mais tradicional da cidade, que leva ao palco os contos do escritor curitibano Dalton Trevisan, morto em dezembro.

A peça, que agora soa como uma homenagem, foi batizada pelo próprio Trevisan. É o que conta a diretora, Nena Inoue, veterana do teatro curitibano e próxima ao escritor.

O cenário da história é um casarão abandonado, cheio de livros e papéis de Trevisan. Ali, um grupo de jovens se depara com os personagens de seus contos e com cartas

reais inéditas. “Não conseguimos pensar em um nome para a peça. Quando contei o enredo para o Dalton, ele disse na hora: ‘Daqui Ninguém Sai’”, lembra Inoue.

A diretora, que como atriz já estrelou várias adaptações dos textos de Trevisan nos palcos, conta que já encontrou o escritor algumas vezes na plateia. “Ele assistia como se não fosse o autor e aplaudia de pé. Havia respeito pelo teatro, porque da mesma forma que ele tirava seus personagens das saunas, boates e delegacias, os atores tiram esses personagens da escrita para presentificá-los em carne e osso”, diz Inoue.

Atriz interpreta os maiores sucessos de Rita Lee, a nossa Rainha do Rock, nesta terça e quarta no palco do Blue Note Rio

Por Affonso Nunes

Em 2014, Mel Lisboa subiu aos palcos pela primeira vez para dar vida à Rita Lee, uma das artistas mais marcantes da MPB. Ainda viva, Rita amou o musical que assistiu várias vezes. Dez anos depois, ela retornou com o espetáculo de grande sucesso de público e crítica, “Rita Lee - Uma Autobiografia Musical”, em que revive mais uma vez a estrela maior do rock brasileiro. Imersa na experiência de interpretar Rita no teatro, a atriz e cantora preparou o show “Mel Lisboa Canta Rita Lee”, que apresenta nesta terça e quarta (25 e 26), no Blue Note Rio.

Rita, que morreu em maio de 2023, sempre demonstrou carinho pela performance de Melelogiada por sua interpretação, Rita Lee, chegando até a exagerar: “Mel, você me fez muito melhor do que eu mesma”. Exageros à parte, a intérprete entrega bastante nesta homenagem apaixonada àquela que até hoje é sua personagem mais simbólica. “Eu acho que estou passando por um dos melhores momentos da minha carreira. Essa é a peça de maior sucesso que já fiz na minha vida”, revela a atriz, expressando sua felicidade com o momento que vive.

Mel compartilha sua admiração por Rita Lee, afirmando que, ao cantar seus sucessos, sente-se conectada com a cantora de uma forma muito especial. “Eu sou uma fingidora profissional.



Priscila Prade/Divulgação

Além de interpretar Rita Lee em musical de sucesso, Mel Lisboa canta as canções da Rainha do Rock. A atriz acaba de receber o Prêmio Shell de Teatro de Melhor Atriz por sua performance da cantora

Mel Lisboa arrombou a festa

Guilherme Samora/Divulgação



Rita Lee adorava o musical em sua homenagem e jamais escondeu a admiração pelo trabalho de Mel Lisboa de quem se tornou amiga

“Acho que estou passando por um dos melhores momentos da minha carreira. Essa é a peça de maior sucesso que já fiz na minha vida”

Mel Lisboa

Preciso me distanciar da minha própria identidade para dar vida às minhas personagens”, completou a atriz, destacando sua habilidade em se entregar completamente aos papéis que interpreta.

Natural de Porto Alegre, Mel Lisboa começou sua carreira na dramaturgia ainda na adolescência, com destaque para a minissérie de Manoel Carlos, “Presença de Anita” (TV Globo, 2001), sua estreia na TV. No cinema, fez parte recentemente do elenco de “Maníaco do Parque” e “Atena”, ambos premiados e indicados a prêmios do segmento.

No teatro, a atriz está em cartaz com o musical de Rita Lee, que tem lotado todas as sessões desde abril de 2024 no Teatro Porto, em São Paulo. O espetáculo lhe rendeu o Prêmio Shell de Teatro (júri SP) de melhor atriz.

SERVIÇO

MEL LISBOA CANTA RITA LEE
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
25 e 26, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 125

Caminhos abertos para a ancestralidade

Larissa Lopes/Divulgação

Grupo Dembaia leva sua pesquisa de ritmos de origem africana a nove unidades do Sesc RJ

Por Affonso Nunes

Na língua bambara, uma etnia do oeste africano, “Yèle Sira” significa “abre caminhos”. E é exatamente isso que o grupo Dembaia propõe com este espetáculo híbrido: abrir portas para novas experiências musicais, compartilhar saberes ancestrais do futuro e, por meio de música, poesia e performance, explorar o encontro de cinco mulheres no resgate e afirmação de suas ancestralidades e identidades negras na arte contemporânea.

Com o apoio do Edital Sesc Pulsar 2025, “Yèle Sira” o espetáculo estreou na última sexta-feira (21) no Sesc São Gonçalo e será apresentado no Sesc Copacabana, nesta terça-feira (25), às 19h; no Arte Sesc, no Flamengo, nesta sexta-feira (28), às 19h, com entrada gratuita. Após essas apresentações, o show seguirá para outras seis unidades do circuito Sesc.

Formado por Ana Magalhães, Dai Ramos, Sabrina Chaves, Tati Villela e Beà Ayòóla, vencedora do Prêmio Shell 2025, o show é uma fusão de composições autorais, releituras de canções populares brasileiras e poesias em performance.



Formado há 11 anos, o Grupo Dembaia explora e pesquisa as ancestralidades do povo preto na música

O grupo cria uma experiência sensorial que mistura diversas linguagens artísticas e narrativas negras inovadoras.

A África e suas influências na diáspora são evidentes nos afoxés baianos de raízes Yorubá, nas manifestações Bantu, no jongo, na rumba cubana, no ritmo yamamá da Guiné, no desert blues do Mali, no jazz, na capoeira e até no rock'n'roll, como ressalta Sabrina Chaves. “Esse hibridismo sonoro interdimensional desperta todos os sentidos corporais e revela a riqueza da nossa musicalidade”, explica.

A combinação de sonoridades polirrítmicas e polifônicas, poesias

e performances traduz sentimentos e expõe os caminhos percorridos pelo grupo, permitindo um acesso à ancestralidade africana e a criação de futuros de vitalidade. O show transmite a mensagem de que há espaço para a criatividade na diáspora. “Queremos impactar o imaginário do público por meio da multisensorialidade, proporcionando uma experiência que transporta as pessoas a lugares de transcendência, paz, amor, fé, alegria, reflexão e consciência sobre a potência da arte negra”, complementa Sabrina.

Esta obra reafirma o compromisso com a preservação e difusão da cultura afro-diaspórica, desta-

cando a força e a representatividade das mulheres negras na música. “Usamos arte e educação como ferramentas de fortalecimento e empoderamento comunitário. Acreditamos que a circulação desse show não apenas valoriza a produção artística do grupo, mas também estimula a diversidade musical brasileira, exalta a genialidade das criações africanas e afro-diaspóricas, e oferece ao público conhecimento e representatividade”, destaca Sabrina.

Com 11 anos de trajetória, o grupo é formado por mulheres negras residentes no Rio de Janeiro, atuando de forma independente. Na cidade, é referência em pes-

quisas sobre a cultura africana e afro-diaspórica, por meio de oficinas e apresentações artísticas. O grupo promove a preservação da memória africana e a disseminação da cultura afro-diaspórica brasileira, mesclando ritmos tradicionais, poesia falada e performance.

SERVIÇO

YÈLE SIRA - GRUPO DEMBAIA

25/3, às 19h: Sesc Copacabana (R. Domingos Ferreira, 160) | R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 8 (associado Sesc)
28/3, às 19h: Arte Sesc (R. Marquês de Abrantes, 99 - Flamengo) | Grátis
Ingressos: Gratuito

Exposição no MIS RJ reúne acervo de grandes fotógrafos brasileiros e equipamentos históricos

Por Affonso Nunes

O Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ) abriga em sua sede na Lapa a exposição “A fotografia pelas lentes do MIS RJ”, uma homenagem à fotografia e sua relevância na preservação da memória. A mostra reúne uma rica coleção de equipamentos antigos, fotografias, documentos e acessórios de grandes nomes dessa arte no Brasil, como Augusto Malta, Guilherme Santos, Ortiz Rubio Alexim e Ronaldo Câmara.

De acordo com Cesar Miranda Ribeiro, presidente do MIS RJ, “essa iniciativa ressalta a importância desses fotógrafos e reforça o papel do museu como um verdadeiro guardião da memória visual carioca e brasileira. Cada fotografia presente é uma janela para o passado, revelando as histórias que moldaram nossa história. Preservar e divulgar esse patrimônio é fundamental para garantir que as gerações futuras possam acessar e compreender esse legado cultural.”

A fotografia sempre esteve no centro das atividades do MIS que, desde sua fundação em 1965, mantém um acervo de mais de 100 mil itens. A exposição permite ao público explorar não apenas a visão única dos fotógrafos sobre o Rio de Janeiro e o Brasil, mas também o trabalho contínuo do museu na preservação e digitalização desse acervo.

Conhecidos por registrarem as transformações urbanas do Rio no início do século XX, Augusto Malta e Guilherme Santos contribuí-



Memórias fotográficas

Divulgação MIS RJ



A exposição ‘A fotografia pelas lentes do MIS RJ’ exhibe uma rica coleção de imagens e equipamentos de quatro grandes fotógrafos brasileiros

doação ao MIS RJ inclui cerca de 70 mil itens.

Com curadoria de Eliane Antunes, museóloga do MIS RJ, a exposição oferece uma imersão na história visual do Brasil, destacando o papel essencial do museu na preservação e disseminação dessa memória. O público terá a oportunidade de conhecer as técnicas desses fotógrafos e a importância da fotografia como um patrimônio cultural a ser protegido.

A exposição do MIS RJ se conecta ainda à Fototeca Estadual do Rio de Janeiro, recém-inaugurada, ampliando o acesso a esse valioso acervo histórico.

SERVIÇO

A FOTOGRAFIA PELAS LENTAS DO MIS RJ

MIS RJ (Rua Visconde de Maranguape, 15 - Lapa)
Até 30/4, de segunda a sexta (10h às 17h)| Entrada franca

ram com cerca de 60 mil imagens de seus acervos, incluindo estereoscópicas e registros das mudanças arquitetônicas e sociais da cidade.

Ortiz Rubio Alexim, fotógrafo e cinegrafista, registrou momen-

tos marcantes da década de 1950, como a construção do Estádio do Maracanã e figuras políticas como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Seus equipamentos estão no setor tridimensional do museu.

Ronaldo Câmara, cuja carreira começou em 1965, capturou personalidades como Nara Leão e Tom Jobim, além de cenas do cotidiano no Rio e na Amazônia, registrando povos indígenas. Sua